

Miguel Sanches Neto. *Estes são os mestres: Eça e Graciliano*. Londrina: EDUEL, 2024. 218 p.

Resultado de um projeto de pós-doutoramento em Portugal, o livro *Estes São os Mestres: Eça e Graciliano*, de Miguel Sanches Neto, traz valiosos apontamentos e reflexões que ampliam a proposta original do trabalho. Nota-se que o saldo da pesquisa vai além do que pretende defender inicialmente. Esta é uma das qualidades do estudo. Outro sinal positivo é o uso da linguagem. A interpretação do material estudado é enriquecida pelo tratamento da língua, matéria que dá brilho às análises dos textos pesquisados.

A ideia é repensar o valor de *Caetés*, de Graciliano Ramos, no contexto em que fora publicado. O romance de estreia do escritor alagoano, editado em 1933, aborda o tema indígena numa perspectiva que põe em questão o ideário do modernismo. Na década de 1920 em que a arte brasileira almeja a ruptura, Miguel Sanches Neto questiona: “seria possível procurar uma renovação a partir dos modelos ligados a um tempo visto programaticamente como vencido?” (p. 09) O programa estético-literário ultrapassado diz respeito a Eça de Queirós, que já não serviria como referência para o desenvolvimento de uma nova literatura brasileira. Mário de Andrade declara Eça como um dos mestres do passado, excluindo, portanto, seu impacto nas relações literárias e culturais de Portugal e Brasil nos anos de 1920.

Miguel Sanches rebate tal posicionamento ao mencionar o escritor português como peça-chave para se compreender *Caetés* e, por extensão, o Brasil do período. Seriam, assim, Eça e Graciliano, os mestres que melhor capacitariam o entendimento de um país profundo em meio a vanguarda hegemônica. A proposta contrapõe-se ao papel desempenhado pelo modernismo brasileiro de Oswald de Andrade e Mário de Andrade, relendo *Caetés* como um romance necessário aos embates contemporâneos da modernidade. Sanches aciona a crítica que, na ocasião, observara no livro de

Graciliano como um reflexo convencional dos recursos narrativos empregados por Eça de Queirós. Entre os defeitos do livro, está a utilização de palavras e expressões portuguesas oriundas dos textos queirosianos.

A influência de Eça sobre Caetés não é tratada pelo pesquisador como dependência. Entende sua representatividade como uma forma de acesso a uma “teoria narrativa experimentada de um autor como instrumento de construção literária” (p. 11). Incorporando a escrita eçiana ao contexto brasileiro, Graciliano traduz os dilemas da nação, marcados pelo funcionamento de um capitalismo agrário dependente. Graças à sua localização periférica, o autor alagoano recepciona Eça, reajustando seu realismo. Nesse rearranjo intertextual, promove um novo realismo que demarca a natureza social das ações narrativas do movimento de 1930, inspirando a geração portuguesa nas décadas seguintes. Nesse sentido, *Caetés* inauguraria uma vocação temática e de linguagem que alcançaria destreza maior nas obras posteriores do romancista alagoano.

Outros elementos estruturam a pesquisa, extraídos do conhecimento geral da obra de Graciliano como, por exemplo, a leitura das crônicas e a autobiografia *Infância*, editada em 1947. Em tais livros, os estágios formativos do escritor, o interesse e as dificuldades locais na aquisição de obras, o incentivo paterno, a insistente vontade de se dedicar à escrita são elencados pelo pesquisador. Da investigação, uma curiosa informação é compartilhada com os leitores: os relatórios enviados por Graciliano durante o período em que esteve à frente da prefeitura de Palmeira dos Índios. Nestes, as virtudes da escrita corroboram o potencial literário do autor.

Tais aspectos ganham autonomia no texto, como ocorre quando Miguel Sanches realça passagens dos romances de Eça. Em tais capítulos, a pertinência não decorre apenas da tese a ser fundamentada, mas é acrescida pela clareza da análise e o colorido linguístico através do cuidado com a palavra escrita. Nessa perspectiva, o pesquisador instiga o leitor à leitura do romance queirosiano como nos conduz a reler Graciliano.

Ao mencionar o significado de Eça para a segunda geração modernista, Miguel Sanches aponta que o tal mestre do passado se faz presente, sendo um ponto de contato na “corrente sanguínea da literatura brasileira” (p. 12). O autor recorre inicialmente aos romances de maior alcance de público e crítica como *O Crime do Padre Amaro*, *O*

*Primo Basílio* e *Os Maias*. Examina a função das personagens, considerando as categorias de classe e gênero. Observa o caráter burguês e aristocrático das mesmas, enfatizando, todavia, o subalterno como esteio na configuração de *Caetés*, enraizada na figura da mulher, vítima de uma sociedade patriarcal.

Em *Os Maias*, a ausência de revolta dos subalternos é comemorada pela classe dominante. A fórmula deriva das personagens serviçais no romance, levando em conta o ponto de vista de João da Ega. Para o bom funcionamento das sociedades, faz-se necessário o imperativo da escravidão, demarcada mais pelo lugar social do sujeito do que pela origem étnico-racial. Essa posição é que mantém o equilíbrio social e o sucesso da civilização na argumentação da jovem personagem.

Outra via interessante é o diagnóstico acerca do comportamento da elite portuguesa em torno da categoria viagem. Depois do seu envolvimento com a irmã, Carlos da Maia, valendo-se dos recursos de sua classe social, vaga por diferentes lugares, despreocupado e “sem maiores crises de consciência, numa placidez que o leva a aceitar tudo e não sofrer por nada” (p. 68). Como representante da filosofia de Fradique Mendes, põe em prática a do homem rico que vive bem, não somente em Portugal, mas principalmente no exterior. Segundo Sanches Neto, “as viagens que amortecem os possíveis dramas dos personagens estão dentro de uma estrutura metafórica que denuncia a paralisação social de toda uma classe” (p. 69). As personagens Carlos da Maia e João da Ega jamais concluem a sua formação. Eternos estudantes, ambos adiam a entrada no mundo ativo. Para Sanches Neto, “viajar é reforçar a ideia de que não fazem parte de nenhuma realidade, de que não agirão sobre nenhum universo específico, pois não se sentem pertencer a coisa alguma a lugares, a ideias nem sentimentos” (p. 69).

O autor chama igualmente a atenção de outros romances, indicando suas ressonâncias em *Caetés*. É o que acontece em *A Ilustre Casa de Ramires* onde o caráter metaficcional da escrita reverbera no livro inaugural de Graciliano. O português Gonçalo como João Valério está a escrever uma novela histórica. Preservadas as diferenças, ambos se voltam a acontecimentos que marcam a formação passada de suas nações. Gonçalo se reporta aos seus antepassados medievais; a personagem João Valério procura recriar o episódio de antropofagia envolvendo a tribo dos caetés e o bispo português Pero Sardinha. São processos similares de criação que aproximam os dois

textos, sem os igualarem integralmente. João não leva adiante a experiência narrativa; o texto de Gonçalo o faz ascender politicamente.

Os romances *A Cidade e as Serras*, *A capital*, *O Conde de Abranhos* e, em especial, *Alves & Cia* ganham relevo. Este último por desenvolver tanto o tema do triângulo amoroso por meio do adultério feminino, como por apresentar o prestígio da personagem como comerciante, assuntos consonantes em *Caetés*. Sanches Neto destaca a importância do livro, contrapondo-se à crítica. Publicado em 1925, vinte e cinco anos depois da morte de Eça, o romance recupera e atualiza temas explorados nas primeiras publicações do escritor português, mantendo sua típica ironia.

Sanches assinala a permanência do viés irônico em *A Cidade e as Serras*, contestando a crítica que aponta para uma mudança de rumo na visão queirosiana acerca de Portugal. Os argumentos se valem do comportamento da personagem Jacinto que repete os gestos de uma classe social endinheirada, vivendo no ócio. O testemunho irônico e humorado do narrador José Fernandes acerca das aventuras de Jacinto atesta, segundo o pesquisador, a linguagem mordaz do romance.

É sob os paradigmas de classe e de gênero que, preservadas as distâncias culturais e históricas, os romances de Eça e o de Graciliano se aliam. Há, portanto, um diálogo intertextual, entoadado por conflitos estruturais iguais. Ressalta-se aqui o propósito do contato, validado pelo estudioso ao afirmar que “um escritor serve como amplificador a uma outra individualidade quando há identidade pessoal ou quando se reproduzem situações externas com alguma similitude, ou com o concurso dos dois fatores” (p. 11).

A representação dos subalternos como elemento estruturante dos romances é retomada ao final do estudo a partir do papel da linguagem na configuração das personagens. Por certo, tal discussão é um dos trechos mais eloquentes. Desta forma, Miguel Sanches, interessado no tema, reporta-se ao romancista Graciliano perguntando a este: “Em que linguagem fazer falar aquela gente? Em que linguagem narrar?” (p. 198) Partindo da crença do poder civilizador da linguagem, o autor argumenta que o problema da linguagem é fundamental para Graciliano. Na percepção de Sanches Neto, o escritor alagoano concilia uma tendência para a valorização dos subalternos e a sua defesa de uma língua funcionalmente correta. O principal desafio que o romance *Caetés*

coloca a Graciliano é sobre a língua usada por suas personagens. De acordo com as pretensões do romancista, “ser civilizado é saber manejar o idioma em busca da comunicação” (p. 198).

Ainda em relação ao uso da linguagem, Sanches Neto escreve que Graciliano ao não abdicar da correção gramatical e optando pelos sujeitos subalternos, resta-lhe localizar as narrativas na mente de suas personagens. Escreve: “a fundação de um verbo interior aos personagens é a maneira que ele encontra de se utilizar de uma linguagem correta sob a pele de seres populares que ele nomeia” (p. 26). Para Sanches, o que se está construindo na literatura brasileira dos anos 1930 é um valor de linguagem que se localiza na fronteira da língua e da língua gramaticalmente correta e da simplicidade própria do universo retratado. Há, portanto, uma disputa conceitual entre *Caetés* e a produção do indianismo modernista em que Graciliano vê a antropofagia pertencente a um recurso da classe dominante, alimentando uma engrenagem destinada a manter os subalternos em seus lugares sociais.

Por consequência, as escolhas da linguagem e da temática do romance de Graciliano seriam estratégias em que o acesso à cultura e à língua possibilitaria formas de mobilidade e de conquista em que os subalternos alcançariam a igualdade de direitos. Por isso, de acordo com Sanches Neto, o mundo subalterno está representado numa língua literária com “fatura universal e ao mesmo tempo intrinsecamente contextualizada em um grupo social, em uma região” (p. 205).

Caso se observe a questão acima a partir das lentes de hoje, tal caminho provoca reflexões significativas ao se pensar nas escolhas linguísticas para a confecção do universo ficcional das personagens. Ainda que seja um assunto que sempre preocupara aos escritores, a representação da fala e sua localização originária dizem muito sobre os propósitos ideológicos da criação artística, assim como os modos do ser cultural e sua recepção.

O uso da palavra como fonte de criação conceitual e artística, funcionando como instrumento das análises, compõe-se numa etapa importante do estudo. Miguel Sanches põe em prática a preciosidade da palavra como uma das linhas de força no esclarecimento do conteúdo. É o que se depreende ao lermos *Estes São os Mestres*:

*Eça e Graciliano*, independente do resultado alcançado. Nota-se, subterraneamente, um vínculo identitário do pesquisador com a linguagem do romancista Miguel Sanches Neto, ambos habituados a tomar a palavra como arcabouço do bem narrar.

Além de um estudo fundamental para o debate acerca das relações histórico-literárias no Brasil e do comparatismo metodológico, estamos diante de um texto atraente, acompanhado de indagações preciosas. É um modo de fazer pesquisa que, por vezes, difere das práticas acadêmicas usuais em que os pressupostos teóricos infligem o traçado da investigação. Ainda que no decorrer do trabalho se perceba a utilização de termos de autores de campos teóricos variados, não há, todavia, uma intenção de nomeá-los. Ao buscar um estudo comparativo, habitua-se à apropriação de uma bibliografia prévia do campo referido. Não há tal preocupação.

Nesse sentido, *Estes São os Mestres: Eça e Graciliano* deve ser aceito como um ensaio como anuncia seu autor, cuja forma é permitir-se a liberdade plena a fim de lançar o pensamento a ousadas possibilidades. É uma dessas probabilidades advém da proposição sugerida por Sanches Neto de que *Caetés* talvez seja “nosso grande romance moderno mais século dezenove” (p. 09). Sem deixar de ser uma obra original, o romance de Graciliano possui “grande relevância programática na luta estética do período” (p 196). Trata-se, de uma “pequena enciclopédia queirosiana, em que um novel romancista filtra-se pelo outro e obtém materiais narrativos próprios, para si, para o seu país, para o seu tempo, para a sua língua” (p. 196), é o que atesta e defende Miguel Sanches nas duzentas e dezoito páginas deste importante ensaio.

José Luís Giovanoni Fornos

FURG